



## Eleição presidencial verticaliza disputa, mas resultado em SC ainda é imprevisível

Como em 2002, a eleição presidencial verticalizou a disputa estadual. Como em 2018, o resultado das urnas é imprevisível. Com as intenções de voto cristalizadas entre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o presidente Jair Bolsonaro (PL), nem candidato a deputado deixa de ser perguntado sobre qual lado está nessa polarização.

Mais de 80% dos brasileiros dizem já ter definido seu voto para presidente, mas para governador de Santa Catarina a disputa será voto a voto.

Pelo menos metade do eleitorado catarinense está com Bolsonaro, assim como quatro dos cinco principais candidatos ao governo. Jorginho Mello (PL) tem a vantagem do 22 e Esperidião Amin, um patrimônio histórico de votos. Para Carlos Moisés e Gean Loureiro sobram as faixas menos radicais: o primeiro conta com 35% de bom e ótimo na avaliação de governo e o ex-prefeito da Capital, que é o mais desconhecido, com propaganda de grife sobre as 2 mil obras em Florianópolis.

Décio Lima (PT), o único que está do outro lado, aposta todas as fichas na tendência nacional favorável à Lula e confia que, assim, chegará ao segundo turno. De fato, se conseguir converter o terço lulista em votos para o governo, estará lá. No centro da estratégia da verticalização em favor de Décio, a Frente Democrática conta com Gelson Merisio, o ex-presidente da Alesc hoje no Solidariedade. Em 2018, ele enfrentou a onda Bolsonaro e, desde o início da campanha, previa que a polarização Lula/Bolsonaro influenciaria o resultado ao governo.

As pesquisas de intenção de voto mais do que apontar quem vai ganhar ao final, são importantes para contar a história das eleições. Em 2022, depois dos desacertos e surpresas da última disputa a governador e com a pequena quantidade de pesquisas feitas pela imprensa catarinense, o eleitorado catarinense ficará às cegas até a abertura das urnas.

Depois, será preciso fazer o caminho de volta para entender o que ocorreu e quais narrativas prevaleceram sobre a decisão do eleitor. E terá de ser rápido, porque o segundo turno está logo ali e será uma nova eleição sob as forças das bancadas eleitas e do resultado nacional.

Divulgação



### Movimento feminino

Se eleger Jorginho Mello governador, propagandeia a candidata a vice do PL, delegada Marilisa Boehm, Santa Catarina ganhará uma vice-governadora como já tem e uma senadora \_ como já teve. “As mulheres representam mais da metade dos eleitores. Elas irão decidir a eleição. Por isso peço que as mulheres não deixem de votar e escolham o 22. Ao

eleger Jorginho Mello nosso Estado ganhará uma vice-governadora e uma senadora, pois a Ivete assumirá definitivamente no Congresso Nacional”, disse sobre a viúva de Luiz Henrique, Ivete Appel da Silveira. A senadora abriu sua casa em Joinville para café da manhã com mulheres esta semana. Fundadora da Delegacia da Mulher em Joinville, Marilisa garantiu a elas que, se eleita, vai trabalhar pelo combate à violência doméstica, com maior efetivo e mais delegacias, pelo empreendedorismo feminino e pela saúde da mulher. “Temos de mostrar nossa força e fazer a diferença”, concordou a anfitriã. A senadora Ivete apoiou a candidatura naufragada de Antídio Lunelli e, com o gesto de Jorginho, ficou muito à vontade entre o MDB bolsonarista do Norte de SC que não aderiu à campanha de Carlos Moisés.

### Cacife das mulheres

Jorginho Mello não economiza elogios à candidata a vice Marilisa Boehm. “Conseguí uma vice de Joinville, uma mulher querida, é delegada, advogada, professora, mãe, está me ajudando uma barbaridade lá no Norte”, afirma. A delegada também ajudou a cacifar a campanha do PL ao governo que, com R\$ 9,4 milhões, é a mais robusta até agora. O PL, aliás, usou da tática de mulheres candidatas a vice em seis estados. Com isso, o candidato a governador acessa recursos mais polpudos previstos pela Lei Eleitoral para as candidaturas femininas.

### Sabe muito

Esperidião Amin lembra que não foi bom para Santa Catarina votar pelo número em 2018. “O que eu quero é que seja feita a comparação e que não se repita votar num número. Não foi bom para o Estado votar no 17 e 17”, tem dito o ex-governador. Ele destaca que a reforma política está em curso no país e vai afunilar a quantidade de partidos. Até esse abalo nas estruturas partidárias, com a cooptação do MDB e de prefeitos de todas as siglas pelo governo, como ele avalia, talvez faça parte de um processo de aperfeiçoamento da política, estima o senador.

### Sem penca

Jorginho Mello está muito empolgado com o desempenho de campanha e lembra que não está em chapa pura por arrogância. “Conversei com todos, mas cada partido acha que é dono de Santa Catarina. Então, conversei com presidente Bolsonaro e ele disse: Jorginho, vai sozinho, vai sozinho que é melhor. Está muito melhor do que fazer uma penca de gente interessada em emprego, em boquinha ou carginho.” O senador do PL diz não ter ciúmes de outros candidatos que queiram apoiar Bolsonaro. Ele calcula que Bolsonaro fará mais de 60% dos votos catarinenses. “Só faltava votar no Lula”, diverte-se.

### Nada do que foi será

Há 20 anos, Casildo Maldaner, então candidato a senador pelo PMDB, foi na frente. Largou José Serra e apoiou Lula. O ex-governador e irmão já falecido do agora também candidato a senador Celso Maldaner (MDB) antecipou o sentimento das urnas. O eleitorado catarinense deu a maior vitória proporcional do Brasil ao petista naquele primeiro turno e, no segundo, também Luiz Henrique surfou a onda Lula. Dessa vez, é mar agitado e sujeito a ressaca, já que a maioria dos catarinenses, inversamente, estaria apoiando o candidato que não seria o preferido dos brasileiros.

Integração Editorial



Produção e edição: ADI/SC jornalista Adriana Baldissarelli (MTB 6153) com colaboração de Cláudia Carpes. Contato peloestado@gmail.com

Designer gráfico: Paulo Dornelles